

“Até hoje não sei o que é a palavra amor! ”: o impacto do abuso sexual em mulheres.

Marlene Souza dos Santos¹

Fernanda Pires Jaeger²

Resumo: O trabalho tem por objetivo analisar os fatores associados à violência sexual e suas repercussões para a vida das mulheres. Para isso foram entrevistadas três mulheres entre 36 e 71 anos, residente em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Os dados coletados foram analisados através da análise de conteúdo. Os resultados mostram que as participantes desenvolveram consequências físicas, sociais e emocionais, como a falta de prazer na relação sexual e comprometimento de sua sexualidade, mas, principalmente, consequências psicológicas que se mostraram evidentes, ao longo da vida, como depressão, apatia e ansiedade. Diante disso, evidenciam-se diversas estratégias de enfrentamento: busca de políticas públicas de enfrentamento à violência sexual, pedir ajuda a pessoas do núcleo familiar e ficar em silêncio na tentativa de preservar a família. Identificou-se que os eventos causadores da violência sexual ocorrem no contexto familiar e foram observados os seguintes motivos, a negligência das figuras parentais e a vulnerabilidade social das participantes.

Palavras Chave: Violência; Abuso Sexual; Relações Familiares; Gênero.

“Until today I do not know what the word love is!” :the impact of sexual abuse on women.

Abstract: The objective of this study is to analyze the factors associated with sexual violence and its repercussions on women's lives. For that, three women between 36 and 71 years old, living in a city in the interior of Rio Grande do Sul, were interviewed. Data were analyzed through content analysis. The results show that the participants developed physical, social and emotional consequences, such as lack of pleasure in sexual intercourse and compromising their sexuality, but mainly psychological consequences that were evident throughout life, such as depression, apathy and anxiety. Facing this, several coping strategies are evident: seeking public policies to confront sexual violence, asking for help from family members, and remaining silent in an attempt to preserve the family. It was identified that the events causing sexual violence occurred in the family context and the following reasons were observed: negligence of the parental figures and the social vulnerability of the participants.

Key words: Violence; Sexual Abuse; Family Relations; Gender.

Introdução

A violência e o abuso sexual infantil, principalmente contra a mulher, é um fato comum, porém, existe um pacto de silêncio no âmbito familiar que repercute e agrava as relações da mulher na sociedade. Nesse sentido, o presente estudo objetiva, de maneira geral, compreender os fatores associados à violência sexual e suas repercussões para a vida da mulher e, de modo específico, conhecer as consequências que a

¹ Estudante do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: marlene sst@hotmail.com

² Psicóloga, Mestre em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: fpjaeger@unifra.br

situação de violência trouxe para a sua vida, especialmente para a conjugalidade, identificar as estratégias utilizadas para o enfrentamento da violência sexual, analisar quais os fatores associados ao desencadeamento das práticas de violência a partir de seus discursos.

Embora existam muitos estudos relacionados à temática da violência, este fenômeno encontra-se cada vez mais evidente em nossa realidade. Sendo assim, o tema é relevante diante das consequências que a violência produz na vida das pessoas afetadas e da perpetuação da violação dos direitos humanos. Dessa forma, entende-se que analisar questões relacionadas à violência sexual contra mulheres irá contribuir para melhor compreensão dessa realidade bem como do seu enfrentamento.

A violência é um fenômeno social, econômico e cultural da sociedade, que tem origem em uma cultura que privilegia esta forma de manifestação. Desse modo, a violência, muitas vezes, é atravessada e associada por outros tipos como a psicológica e a física (GROSSI, 2012). A história da humanidade em sociedade sempre foi assinalada por práticas violentas, principalmente com crianças e mulheres, porém, dependendo da cultura e dos valores de uma determinada sociedade, algumas dessas ações, não são identificadas como formas de violência. A violência é um fenômeno multifatorial e com variadas explicações, bem como considerada um fator inerente ao sujeito, fazendo parte de sua natureza, que pode ser intensificada pelo ambiente ou dentro da própria família. Nos dias atuais, podem-se evidenciar várias maneiras de expressar a violência nas relações interpessoais, como a que se expressa contra as crianças, idosos, povos e as mulheres. Em todas elas ocorre a procura pela satisfação própria em detrimento do desejo ou interesse do outro (STREY, 2004).

Neste sentido, embora se reconheça que aspectos sociais interferem de maneira significativa no desencadeamento e na incidência desta forma de violência, os estudos psicanalíticos inferem que a violência sexual, além de ser atravessada pelas relações culturais e sociais, também pode estar relacionada a aspectos estruturais psíquicos do sujeito. Há casos em que há o desenvolvimento de psicopatologias são capazes de potencializar tais práticas. Ao mesmo tempo, no que se refere aos aspectos sociais e culturais a violência contra mulher é também designada como violência de gênero. Nessa perspectiva, a mulher é considerada como a principal alvo da violência, em que o agressor, geralmente é o homem, e ocorre no contexto familiar, em que se produz, ou reproduzem, as relações de poder, independente da classe social, raça e etnia.

Infere-se, ainda, que no contexto doméstico o abuso sexual pode ser cometido por adultos em adultos e por adultos em crianças, sendo todo ato ou relação sexual, que causa dano, de natureza erótica, destinada a buscar prazer sexual. As crianças e adolescentes são as principais vítimas, pois são na situação de violência tomados como objetos de prazer do adulto. Para Silva e Vilhena (1998), em todos os níveis de classes sociais está presente a violência sexual. Pode ser um abuso verbal onde não ocorre o contato físico, pode também haver este contato físico como manuseio dos genitais, carícias, diferentes formas de sexo e o caso de estupro, em que ocorre a violência. Esta forma de violência envolve atrocidade, determinados abusos, acompanhada, muitas vezes, de um encarceramento do indivíduo e a consequente perda de autonomia e da liberdade dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, destacamos o impacto do abuso sexual na vida de mulheres.

Metodologia

A presente pesquisa foi realizada a partir de três entrevistas, com mulheres, entre 36 e 71 anos, que possuem filhos, residentes em uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. As participantes foram voluntárias e as entrevistas realizadas em locais escolhidos pelas mesmas. Os nomes foram substituídos por nomes fictícios, garantindo, assim, o sigilo das participantes, sendo que a participante Clara tem 36 anos e

sofreu abuso sexual na infância e sofre violência doméstica, a participante Marcia tem 42 anos sofreu abuso sexual na infância e no primeiro casamento sofreu violência doméstica e a participante Eliane 71 anos sofreu abuso psicológico e violência física na infância e na vida adulta sofre violência doméstica, incluindo o abuso sexual.

Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e após a transcrição os áudios foram excluídos. A coleta de dados constituiu uma entrevista semiestruturada, relacionadas aos objetivos do estudo contendo onze questões tais como: Fale das suas relações amorosas ao longo de sua vida? Diante dessas experiências ocorreu a situação de violência? Quando foi a situação? O que a situação de violência afetou em sua vida? Qual a influência da situação para as relações conjugais? Como buscou ajuda? Contou com alguma pessoa?

Buscou algum serviço? Você está vivendo algum envolvimento afetivo com outra pessoa? Como você vivencia sua sexualidade atualmente? O que acha que levou a situação de violência?

A entrevista é uma forma de coletar dados e informações sobre o assunto de interesse do entrevistador ou de um grupo de pessoas. Além apenas de uma coleta de dados, a entrevista pode ser descrita como uma investigação, onde o pesquisador acaba interagindo socialmente, no momento em que se insere no contexto social correspondente ao tema da entrevista (GIL, 1994).

Para a realização da análise das informações coletadas, será utilizada a Análise de Conteúdo. A análise de Conteúdo, conforme Bardin (2004), pode ser descrita como um conjunto de técnicas e maneiras de se analisar as diferentes formas de comunicação, fazendo uso de procedimentos ordenados e objetivos, para que se possa descrever o conteúdo das mensagens, tendo como função interpretá-las. Ao se realizar uma análise de conteúdo, tem-se por objetivo, estabelecer uma relação correspondente entre as estruturas linguísticas e psicológicas ou sociológicas presentes nos enunciados da comunicação prestada. A autora organiza as fases da análise de conteúdo em três partes: a pré-análise, que consiste na seleção do material a ser analisado seguido da leitura flutuante do mesmo. Possibilita o contato do pesquisador com todos os dados coletados e fazendo-o ter noção do material como um todo, deixando impregnar-se pelas hipóteses viáveis aos dados ali expostos, a referenciação e a elaboração de índices, se considera os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar o trabalho, exploração do material que consiste na categorização do material a ser analisado, nesta etapa foram definidos três tópicos. Por fim, a interpretação, outras orientações para uma nova análise, utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos.

A pesquisa foi realizada respeitando a Resolução nº 466 de dezembro 2012 a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, ambas referente à realização de pesquisa com seres humanos (MINISTERIO DA SAÚDE, 2012, MINISTERIO DA SAÚDE 2016). O projeto foi submetido à análise do Comitê de Ética em pesquisa (Número plataforma Brasil Caae 57955716.2.0000.5306). Foram assinados, antes das entrevistas, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido disponibilizados em duas vias uma destinada à participante e outra à pesquisadora, bem como o Termo de Confidencialidade assinado pela pesquisadora e pela docente responsável. As participantes terão acesso aos resultados da pesquisa pelo presente artigo e pela apresentação do mesmo, para fins de devolução.

Desenvolvimento

A partir do levantamento de dados das entrevistas realizadas na pesquisa, fez-se uma análise do material produzido correlacionando-o ao referencial teórico do projeto de pesquisa, determinando as categorias de acordo com as características que se sobressaíram. Foram separados em três tópicos, sendo

eles: “Afetou em tudo, tudo a confiança em todo mundo”: consequências da violência vivenciadas pelas mulheres em especial no casamento, “A Maria da Penha é só pra incomoda, não faz nada, não gosto de fala da Maria da Penha”: estratégias para o enfrentamento da violência sexual e “A minha mãe nunca me quis!”: desencadeamento das práticas de violência, que serão apresentados e discutidos a seguir.

“Afetou em tudo em tudo, tudo a confiança em todo mundo”: consequências da violência vivenciadas pelas mulheres, em especial, no casamento.

Neste tópico percebe-se que as repercussões da situação de violência destas mulheres ocorrem de maneira intensa, causando sequelas em longo prazo. A partir das entrevistas feitas identificou-se que a maioria das mulheres demonstra que a violência trouxe inúmeros prejuízos físicos, sexuais, sociais, mas principalmente, psicológicos para suas vidas, especialmente no que tange as relações conjugais.

No que se refere aos prejuízos psicológicos foi constatado que as mesmas possuem baixa autoestima, desvalorização de si, sofrimento intenso, falta de prazer sexual, relação abusiva, apatia e sentimento de submissão. Entretanto, nota-se que as consequências psicológicas costumam ser mais graves quando se trata de abuso sexual intrafamiliar do que quando o abuso é cometido por estranhos (AMAZARRAY; KOLLER, 1998; HABIGZA; CAMINHA, 2004, PFEIFFER, SALVAGNI, 2005) em função dos vínculos afetivos entre as mulheres em situação de violência e abusador. Estes aspectos se mostram bastante frequente em situações que envolvem violência sexual. Podemos observar isso em algumas falas das entrevistadas, como as expostas a seguir:

“Não acho nada atraente (risos). Pra dizer a verdade não tem nada de interessante na minha pessoa” (Marcia).

“[...] agora de momento eu não tenho vaidade nenhuma assim, sabe!”(Eliane).

Ainda sobre os prejuízos psicológicos é relevante refletir de que forma o abuso sexual deixará marcas na subjetividade das participantes. Segundo Fiorini (2008), a violência condiz com um ataque ao sujeito que frequentemente provocará efeitos prejudiciais em sua subjetividade. Assim, pode-se entender que no processo de violência existem efeitos prejudiciais a sua capacidade de subjetivação, afetando de maneira variada e singular cada mulher.

No que diz respeito às consequências físicas, foi evidenciado nas entrevistas problemas de saúde como queixas somáticas e problemas relacionados à disfunção sexual. Isto pode ser identificado nas seguintes falas:

“[...] por causa que ele queria sexo, assim ele não me respeitava eu casei com ele achando que fosse, não posso me lembrar dessas coisas e o meu corpo é detonado por causa disso, eu tenho problema de intestino, eu não sou mais uma mulher, uma mulher como era de primeiro, só uma mulher muito sofrida (Eliane)”.

“No início assim, porque como eu te falei eu não gostava de transar, eu não sentia nada, sabe! E filho também nem pensa, não queria filho, entrava em pânico cada vez que pensava, não, não queria” (Clara).

A violência sexual, por ser um evento traumático, pode provocar danos que causam prejuízos físicos, como lesões corporais, fraturas, gravidez precoce, bem como problemas a saúde, causando enfermidades que podem levar a morte e, ainda, sociais, como alterações nas relações interpessoais, déficit afetivo, cognitivo, baixa autoestima, modificações extremas de comportamento geral no humor e mudanças regressivas, uso de álcool, drogas, suicídio, automutilação e comportamento sexual precoce e, a longo prazo, problema de relacionamento sexual com o esposo ou companheiro (AZEVEDO; GUERRA, 2000, 1995,

SILVA; HUTZ, 2002). Nem todos estes aspectos foram demonstrados nas entrevistas, mas constituem fatores de riscos e trazem prejuízos significativos na vida destas mulheres.

Ainda é importante salientar quanto às consequências sexuais vivenciadas pelas participantes da pesquisa, as quais deixam sequelas, ao longo da vida, especialmente na relação conjugal. Conforme identificamos nas frases abaixo a violência ocorre no ambiente doméstico ou familiar, envolvendo pessoas conhecidas, vizinhos, irmãos, padrinhos e maridos/companheiros, que aparecem como os principais abusadores e perpetuadores dessa modalidade de violência. Evidencia-se tal questão a partir do relato abaixo:

“Tinha um vizinho que era um homem decasado tinha filhos, né, e aparentemente normal, né, dai tinha outro senhor também, que tinha um bar que ele era sozinho acho não tinha filhos, acho que não tinha mulher também morava sozinho e também ele me chamava pra dá comida, refrigerante [...]” (Clara).

Diante do exposto acima observa-se que a violência sexual ocorre no contexto familiar, cometida predominantemente por pessoas do convívio da mulher e do gênero masculino. Entre as consequências destacadas pelas participantes, há falta de desejo sexual ou problemas relacionados à sexualidade, aspecto que também interferem na relação conjugal.

“É o medo do sexo, é o não ter a vontade, tu entende”! (Marcia).

As participantes, que sofreram abuso sexual na infância, tiveram pessoas da família ou conhecidas da mesma como responsáveis pela situação de violência. Diante disso, quando ocorre no contexto familiar, o abuso sexual é intrafamiliar ou doméstico e, nesse caso, o abusador tem para com a criança e adolescente, laços de sangue e/ou responsabilidade. Os abusadores podem ser responsáveis biológicos ou tutores, curadores, adotivos, ou quem quer que detenha poder/responsabilidade sobre a criança, adolescente, gerando quebra da confiança da vítima para com as figuras parentais ou de cuidado (AZEVEDO; GUERRA, 1989). Esta condição produz na criança uma vulnerabilidade que vai se mostrar presente ainda na vida adulta com a falta de confiança nas figuras parentais e nas pessoas, em geral, e o isolamento familiar e social, aspectos que se mostraram presentes nas frases a seguir:

“[...] eu não saio, eu não só de andar na rua, nada assim sabe, vocês e coisa, é só da casa pro serviço, do serviço pra casa, assim sabe, vocês e coisa, é só da casa pro serviço do serviço pra casa.” (Marcia).

Para Nossintochouck (1998 apud ZUWICK, 2012) a violência sexual deixa marcas de destruição, bem como o receio de que o embarço repercuta sobre seus familiares e o medo de represálias. As participantes relataram que omitiram o abuso, quando eram crianças, pois temiam o estereótipo de sedutora e que os pais e parentes não acreditaram na sua versão quando foi anunciada a elas a situação de violência.

“[...] e ele me dizia, se tu fala pra tua mãe vou te dar uma mão de pau e ela não vai acreditar em ti e eu fui fala pra minha mãe e ela realmente não acreditou.” (Marcia)

Dessa maneira o abuso sexual, tanto no que diz respeito à etiologia como na dinâmica de socialização, traz inúmeros prejuízos dos sujeitos na sociedade e devem ser combatidos. Em contrapartida, compartilhar da interação abusiva pode levar a pessoa a acreditar que é responsável pelo abuso e que será culpabilizada caso o abusador seja preso e os demais membros da família fiquem entristecidos (BORBA, 2002). Esses sentimentos de culpa e responsabilidade colaboram para a criação e conservação da chamada “síndrome do segredo” (FURNISS, 1993), na qual, por meio de intimidações, implícitas ou não, o abusador faz a vítima crer que suas lamentações não serão escutadas, que ninguém lhe dará crédito ou que ela será punida (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Como se pode observar nas falas das participantes:

“Eu não gosto de lembrar disso, porque eu fico com ódio, assim, o porque da gente percebe que a criança inocente não vê maldade ou ela se sente culpada, sabe! Como se ela tivesse culpa daquilo ali, eu sinto nojo, quando lembro do cheiro da pessoa, assim, sabe! Isso me revolta o estomago, sabe!” (Clara).

“Tudo! Tudo! A confiança ... afetou em tudo em tudo, tudo a confiança em todo mundo” (Marcia).

Nesse sentido, representações estereotipadas acerca das mulheres, seja na relação familiar ou na sociedade, passam pela compreensão de fragilidade, dependência e submissão, que dão ao homem o direito de tutela sobre ela. Essa posição é frequentemente posta como se fosse uma questão inerente à natureza das mulheres e não fruto de uma concepção que tende a reproduzir uma ordem social baseadas nas relações de poder (SILVA, 1992, p.26). E quando a situação de violência sexual ocorre na infância estas repercussões são ainda mais intensas, representando mudanças significativas nos padrões de confiança, de escolha de parceiro na vida adulta. É visto que a violência causa danos físicos, sexuais e principalmente psicológicos, assim sendo, a violência é um agravante nas relações da mulher na coletividade.

Identificou-se que as participantes desenvolveram consequências físicas sociais e emocionais, como a falta de prazer na relação sexual e comprometimento de sua sexualidade, mas, principalmente, consequências psicológicas que se mostraram evidentes ao longo da vida, como depressão, apatia, ansiedade. Além disso, os problemas sociais como o isolamento, falta de apoio social e conflitos familiares foram identificados.

“A Maria da Penha é só pra incomoda, não faz nada não gosto de fala da Maria da Penha”: estratégias para o enfrentamento da violência sexual.

As mulheres em situação de violência, seja sexual, psicológica ou física precisam de espaços mais qualificados no que se refere às políticas públicas de enfrentamento destas situações, voltadas a sua proteção. O fortalecimento e a maior articulação da rede de proteção/atenção às mulheres e também a escuta humanizada que potencializa a mudança se fazem necessárias como medidas protetivas para a mesma.

Segundo as participantes da pesquisa, elas tiveram muitas dificuldades para buscar auxílio junto a familiares e instituições sociais. Elas perceberam que alguns profissionais, que atuam no acolhimento e atendimento às situações de violência, em diferentes setores como na área da saúde, na justiça, na assistência social, encontravam-se despreparados para atender as suas necessidades. A partir de suas experiências pode-se pensar que a cultura patriarcal, ainda bastante presente em nossa sociedade pode influenciar as intervenções dos profissionais que atuam no acolhimento destas pessoas, bem como nas dificuldades relacionadas ao encaminhamento ou solução destas situações, auxiliam e promovem a legitimação da violência doméstica conforme destaca FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (2001). Isto se mostrou evidente na fala de Gérbera:

“Fui também lá umas duas ou três vezes na delegacia da mulher, chorando, gritando, pedindo ajuda, eles botam tudo no papel, mas não fazem nada, quer dizer se não chega ali morrendo só depois que morre vão vê o que aconteceu, mas não é assim!” (Eliane).

Ao buscarem ajuda nas políticas públicas existentes não se sentem apoiadas e protegidas. Identificou-se que as mulheres não denunciam seus agressores por medo da morte, e eles seguem cometendo violência pela impunidade, levando a índices cada vez maiores de homicídios contra a mulher no rompimento do relacionamento (ABRAMO, 2001). Nas falas a seguir das entrevistas podemos observar esses aspectos:

“Com relação ao abuso como já falei não por medo e vergonha” (Clara).

“Também não, naquela época não tinha!” (Marcia).

“Acho que se uma pessoa esta se queixando que foi você estuprada, que você foi machucada, que você foi violentada que você esta precisando de ajuda alguém tem que ajuda” (Eliane).

Outro aspecto relevante na fala das entrevistadas é a falta de apoio familiar, principalmente dos pais, os quais, deveriam promover a proteção e o bem estar para seus membros. A família é o responsável pelo desenvolvimento das relações afetivas. Quando as relações familiares são abusivas ou conivente com as situações de violência o cenário da violência se instala, fazendo com que surjam os sentimentos de confusão, ambivalência e desenvolvimento dos sintomas patológicos na criança vítima do abuso sexual. E ainda, que o abuso sexual é um ato que envolve vergonha, medo, culpa e questões culturais. O silêncio pode ser, muitas vezes, adotado para que se preserve o núcleo familiar, evitando contradições no papel de proteção que a família deve ter, quando na realidade é de agressão, geralmente o agressor é um indivíduo com quem a criança mantém uma relação estreita e de confiança (ARAÚJO, 2002). Pode-se identificar isto nas falas abaixo:

“[...] pra minha família, assim também não falava nada, porque eles poderiam pensa que eu tava errada, que eu..... dai eu ficava quieta” (Clara).

“[...] eu fui fala pra minha mãe e ela realmente não acreditou” (Marcia).

“Sempre procurei, mas nunca tive ajuda, porque as minhas irmãs naquele tempo me chamavam de tudo quando é nome feio é rapariga, vagabunda isso tudo sabe!” (Eliane).

Com base nos relatos acima descrito, foi possível perceber o quanto a sociedade e a família são omissas frente a violência sexual, sendo a mesma tratada com invisibilidade pelo poder público e sob uma visão permeada de tabus, preconceitos e mitos pela família. Há um descrédito em relação ao relato da figura da criança, aspecto que produz efeitos de revitimização desta criança (NEGRÃO, 2012).

Diante disso, evidenciam-se diferentes estratégias de enfrentamento: busca de políticas públicas de enfrentamento a violência sexual, pedir ajuda a pessoas da família e ficar em silêncio na tentativa de preservar a família. No entanto, verificou-se que, ao buscarem apoio na rede de proteção a violência, as mesmas encontram dificuldades para solucionar a situação vivida e apresentam descrédito em relação aos órgãos de proteção.

“A minha mãe nunca me quis! ”: Desencadeamento das práticas de violência.

A Noção de subjetividade parece ser uma concepção importante para compreensão e explicação do fenômeno da violência. Tendo em vista que é um conceito que abrange tanto os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais que se refere ao ser e estar e se relacionar do sujeito na contemporaneidade.

De acordo com as entrevistadas, pode-se entender quais os motivos que levaram à violência e entre as principais causas mencionadas destaca-se a negligência das figuras parentais e a vulnerabilidade das participantes. Para Azevedo e Guerra (1989) a negligência estabelece-se na relação adulto/ criança, entendendo como a falta de um adulto responsável que proporcione à criança condições de sobrevivência física e emocional. Ainda as autoras mencionam que a negligência pode apresentar-se tal como a rejeição afetiva que se refere a punições exageradas, depreciação, agressividade, abandono e uso da criança para exploração sexual. Quanto à negligência afetiva, refere-se ao desinteresse de familiares, principalmente dos pais com a criança, abandonando-a a sua própria sorte e a impulsos (AZEVEDO E GUERRA, 2000). Conforme a fala da participante a seguir, observamos:

“A gente como morava no interior, não..... a mãe não podia, não tinha condições psicológicas pra cuida das crianças, né, então a gente uns cuidavam dos outros, os maiores cuidavam dos menores, isso que ajuda, né, agente tava vulnerável, pra acontece esse tipo de coisa, eu vejo por esse lado” (Clara).

Diante disso, percebe-se uma possível dificuldade em relação aos cuidados por parte das figuras parentais, que atualmente configuraria uma possível situação de negligência, aspecto capaz de expor as crianças à condição de vulnerabilidade. É nessa dinâmica de exclusão que, muitas vezes, a violência se faz presente, onde a falta de atenção por parte do vínculo afetivo familiar acaba por reforçar a prática de violência. Pfeiffer & Salvagni (2005) alertam que o desrespeito, e pouca importância dada às crianças e aos adolescentes e as consequências dos maus-tratos dos adultos sobre eles fazem com que cada vez mais eles se tornem vulneráveis a esse tipo de violência. O abuso sexual se apresenta, assim, como uma das faces mais perversas da violência, cometida, não raro, por pessoa com quem a vítima mantém uma relação de proximidade e de confiança, tal como identificou-se na experiência das participantes do estudo.

As autoras Azevedo e Guerra (2000) denominam esta manifestação como abuso-vitimização física, negligência, psicológica e sexual. Desse modo, percebe-se a violência contra as crianças e mulheres como um fenômeno social, econômico e cultural da sociedade que tem origem em uma cultura que privilegia a assimetria de poder. Para as autoras, quando a violência é exercida, o adulto transmite à criança que ele tem poder no momento em que a violenta, vitimizando a mesma. A história da humanidade em sociedade sempre foi assinalada por práticas violentas, principalmente com crianças e mulheres, porém dependendo da cultura e dos valores de uma determinada sociedade, algumas dessas ações, não são identificadas como formas de violência. Nas falas das participantes observa-se isso:

“[...] na época eu tinha uns sete oito anos e eu ia não achava, assim, aquilo ali, sabe, que era maldade, assim ai ai..... dai tinha o meu padrinho também”(Clara).

“Eu chamava ele de tio A. Tio A. que era vizinho de anos, era pai dos meus coleguinhas e tudo e quando eu, naquela época a gente usava muito vestidinho, coisa, né, as calcinhas não era essas calcinhas apertadinhas, tudo e ele veio com a mão e se esfregava”(Marcia).

A violência é um fenômeno multifatorial e com variadas explicações, bem como considerada um fator inerente ao sujeito, fazendo parte de sua natureza, que pode ser intensificada pelo ambiente ou dentro da própria família. Ao mesmo tempo, no que se refere aos aspectos sociais e culturais, a violência contra mulher é também designada como violência de gênero. Isso nos reporta ao conceito de gênero, o qual vem a ser a construção social do feminino e masculino, ou seja, aquilo que é considerado como características típicas para mulheres e homens e o que culturalmente e socialmente se espera deles, atravessado pelas relações de poder. Então, pode-se entender que a violência se ajusta com a questão de gênero no momento em que ocorre a subordinação do mais fraco pelo mais forte, exercendo, através da violência, a dominação sobre o outro (SAFFIOTI, 2004).

Sendo assim, pode-se entender que, quando o sujeito acaba por se relacionar, tratando o outro como um objeto, as relações estabelecidas por ele acabam tornando-se fonte de manifestação dessa violência. Como podemos ver na fala abaixo:

“[...] eu tinha um irmão o mais velho que já faleceu, que era muito ruim pra mim, eu sofri porque o meu pai que era por mim, quando ele saía pra trabalha a minha mãe e irmã judiava, surrava muito e esse meu irmão batia em mim me assustava fazia tudo de ruim na adolescência ele dizia que eu era feia, seca um bichinho” (Eliane).

Ao mesmo tempo, percebe-se que na experiência das participantes a violência sexual é acompanhada de outras formas de violência, como a física, psicológica e a negligência trazendo repercussões ainda

mais devastadoras para a criança ou mulher que sofre com ela. Diante disso, o limite físico como maneira de conter uma criança aparece como forma de manifestação de violência dentro da família, onde o mais forte abusa do mais fraco, violentando-o. Esse tipo de violência pode ser associada a questão de gênero, que envolve o contexto cultural em que o indivíduo está inserido, ou seja, mais uma vez a violência pode ser associada ao ambiente em que esse indivíduo se encontra ou uma cultura de violência (SAFFIOTI 2004).

Nesse sentido, as relações culturais, sociais, bem como aspectos estruturais psíquicos do sujeito estão ligados a violência sexual. Dessa forma, a violência e o adoecimento psíquico se relacionam de várias formas. Como exemplos dessa relação, verificou-se, a partir das entrevistas, a questão familiar como sendo um fator gerador de sofrimento psíquico, bem como a questão da estrutura psíquica do sujeito como sendo suscetível ao aparecimento de sofrimento psíquico, seja ele em qualquer nível de manifestação. A estrutura psíquica do sujeito também aparece relacionada a manifestação de sofrimento, onde é a partir dela que o sujeito irá encontrar formas para lidar com essa questão. É a partir disso, que muitos indivíduos que se encontram em sofrimento psíquico acabam encontrando diferentes alternativas para tentar superá-lo, ou dar conta disso, pois a partir da violência exercida o sujeito pode vir a romper sua integridade física e psíquica, onde o ego fica desordenado pelo sofrimento (BARUS-MICHEL & CAMPS, 2003). Diante disso, os mecanismos de defesa são uma forma de minimizar o sofrimento podendo ser usados em diferentes situações, principalmente na relação desse indivíduo com os demais e dependem do grau de elaboração do conflito (LAPLANCHE, 2001).

No que tange ao desencadeamento das situações de violência sexual entre as participantes do estudo pôde-se constatar que tanto aspectos sociais, culturais, quanto individuais, se mostraram como elementos determinantes para a ocorrência e a manutenção desta prática de violência.

“Ele me deu tiro, me deu balaço me surrava de facão e... eu tive meus três filhos mais velhos com ele, ele matou dois caras uma vez e foi preso, eu fui lá minha sogra me levou lá na cadeia lá em Taquara em Curitiba eu morava com ele deram uma casa pra nós, ele me judiava muito, daí depois quando ele saiu como condicional, né, que não podiam condena ele que ele tinha dezessete anos era novo também” (Eliane).

Conforme foi relatado pela participante na entrevista acima nota-se, que todas as ações de violência expressam a “falta de palavras”. Segundo Souza (2005), vivemos numa conjuntura onde “faltam palavras” e “sobram atos”. Isso denota que os sujeitos estão sendo cada vez mais incapazes de construir simbolizações a partir do vivido, manifestando os afetos imediatamente em atos. Poderia no retratar esta realidade com as seguintes situações figurativas: se tenho medo, isolo-me; se tenho ódio, mato; se desejo agredir, faço sem limites; se tenho inveja, elimino; e assim por diante. É neste sentido que se pressupõe que o campo das mediações simbólicas está falido e esvaziado.

Ainda sobre isso, Birman (2012) refere que na atualidade, o que se exprime frequentemente é agir, sem pensar naquilo à que se visa com a ação, ou seja, o que leva a agir. Portanto, o agir é o mandatário terminante na contemporaneidade. Os sujeitos estão cada vez mais vazios que não tem nada dentro de si, isto é, que perderam certa vitalidade e o envolvimento com as coisas e as pessoas.

A erosão do universo simbólico, o não reconhecimento e aniquilação do outro como um “sujeito de direitos”, resulta, decisivamente, em ações violentas. Além das questões que envolvem os aspectos singulares que estão relacionados à violência, existem características individuais associadas à dinâmica e aos conflitos que o sujeito apresenta, ao longo de sua vida, e que interferem no modo como vão se relacionar com a violência sofrida. Diante disso, a psicanálise traz que o conflito psíquico apresenta-se no sujeito quando o mesmo resiste às exigências internas contrárias. O conflito pode ser manifesto entre um desejo e uma exigência moral e traduzir-se através da violência. A psicanálise considera o conflito como constitutivo do ser

humano, e isto em diversas perspectivas como conflito entre o desejo e a defesa, entre os diferentes sistemas ou instâncias, entre as pulsões e o conflito edipiano, onde não apenas se defrontam desejos contrários, mas onde estes enfrentam a interdição (LAPLANCHE, 2001).

Além dos fatores já citados, observou-se que algumas mulheres/entrevistadas, inseridas nessa dinâmica, acabam adoecendo, as quais, mais tarde, podem vir a praticar essa violência a que foram submetidas, completando o ciclo da violência descrita por Azevedo e Guerra (2000). A incidência da violência também pode ser associada aos casos de patologias identificadas como sendo, muitas vezes, disfuncionais na vida do indivíduo. A partir disso, pode-se fazer uma estreita relação entre a patologia apresentada pelo sujeito e os demais aspectos já citados, como a compulsão à repetição, pelo qual o mesmo coloca-se ativamente em situações penosas, repetindo assim experiências antigas sem se recordar do padrão e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade (LAPLANCHE, 2001). Nessa perspectiva Souza (2005) evidencia que a violência surge como efeito de sociedades que convivem cruelmente com desigualdades, com cenas cotidianas de humilhação social e com formas perversas de governabilidade. A autora aponta para a sensibilidade específica de nossa época, ou seja, o palco em que a violência é exercida e vivenciada e no qual se exacerba a vulnerabilidade e o desamparo dos sujeitos, como efeito das características do mundo contemporâneo.

Nesse ínterim, evidencia-se que os eventos causadores da violência sexual ocorrem, predominantemente, no contexto familiar, tendo como motivação a negligência das figuras parentais e a vulnerabilidade social e individual das participantes. Além disso, é primordial que se considere a história da vida da mulher, seus conflitos, suas características de personalidade bem como o contexto social e familiar no qual se encontra inserida.

Conclusões finais

Ao longo da pesquisa, procurou-se entender as raízes da violência e o porquê de suas manifestações. As entrevistas realizadas proporcionaram um maior entendimento do tema, contemplando, assim, as diferentes visões apresentadas. Nesse sentido, percebem-se às consequências da violência vivenciadas pelas mulheres, em especial no casamento, bem como as estratégias para o enfrentamento e o desencadeamento das práticas de violência sexual.

Dessa forma, pode-se evidenciar que as repercussões da situação de violência destas mulheres ocorrem de maneira intensa, causando sequelas a longo prazo. É visto que a mulher em situação de violência, seja sexual, psicológica ou física, precisa de melhor eficiência no que se refere ao fortalecimento das políticas públicas voltadas a sua proteção. A partir das entrevistadas, pode-se entender quais os motivos que levaram à violência. Entre as principais causas da violência mencionada destaca-se a negligência das figuras parentais, especialmente quando a violência ocorre na infância e a vulnerabilidade das participantes, que se encontra atravessada por uma cultura que potencializa práticas de violência em detrimento de ações mais solidárias e humanizadas. Necessita-se, ainda, uma reflexão sobre o assunto, pois a violência e o abuso sexual são eventos traumatizantes e dolorosos, atravessados pelo medo, vergonha, humilhação, constrangimento, preconceito e tabu, o qual demanda mobilização de ambas as partes, mulheres e pesquisadores, devido a enorme carga de estresse e ansiedade nessa situação. Entretanto, o psicólogo pode dar voz aos afetos primitivos e a manutenção das situações e fantasias, através de uma escuta empática. Esta experiência concede uma mudança subjetiva de posição, fazendo com que a pessoa ressignifique o sofrimento ocasionado pelas frustrações da vida, como prevenção ao crime ou à repetição dele.

Por fim, foi possível perceber a importância da temática, onde destaca-se o fenômeno da violência,

contribuindo para a produção de conhecimento acerca dos conteúdos vinculados ao abuso sexual de mulheres, no sentido de promoção e prevenção de saúde. Além do fato de que deve-se continuar trabalhando e pesquisando sobre a violência.

REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ M. S. T. **A resiliência em crianças vítimas de abuso sexual no processo intrafamiliar** - Fonte: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-social/a-resiliencia-em-criancas-vitimas-de-abuso-sexual-no-processo-intra-familiar>> © Psicologado.com. Junho de 2013.
- AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 11(3), 546-555, 1998.
- ARAUJO, M.F. Universidade Estadual Paulista, Campus Assis, Departamento de Psicologia Clínica, Coordenadora do Núcleo de Estudos Violência e Relações de Gênero. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá v.7,n2,p 3-11, jul/dez 2002. Disponível em: >http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt < Acesso em: 24 de agosto de 2016<.
- ARAÚJO, M. F. & MATTIOLI, O. C. (orgs). **Gênero e Violência**. São Paulo, 2004.
- AZEVEDO, M., GUERRA, V. N. A. **Violência Doméstica na Infância e Adolescência**. Ed. Robel. 1995.
- AZEVEDO, M., GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas: A síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989.
- AZEVEDO, M, A; GUERRA, N. de A (orgs). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, PO: Edições 70, 2004.
- BARUS-MICHEL, J., CAMPS, C. Sofrimento e perda de sentido: considerações psicossociais e clínicas. **PSIC. Revista de Psicologia da Vetor Editora** [online]. vol.4, no.1, p.54-71. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000100007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1676-7314. Acesso em: <07 de outubro, 2016>.
- BIRMAN, JOEL. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- BORBA, M. R. M. O duplo processo de vitimização da criança abusada sexualmente: Pelo abusador e pelo agente estatal, na apuração do evento delituoso. **Jus Navigandi**, 59. Recuperado em 11 de Agosto de 2008, de <http://jus.com.br/revista/texto/3246/> o duplo processo-de-vitimizacao-da-crianca-abusadasexualmente, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- FIORINI, L. G. Introducción. Em FIORINI, L. G. (Org.), **Los laberintos de la violencia** (pp.13-28). Buenos Aires: Lugar Editorial: Asociación Psicoanalítica Argentina APA, 2008.
- FURNISS, T. Abuso sexual da criança: **Uma abordagem multidisciplinar – Manejo, terapia e intervenção legal integrados** (M.A.V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO **Violência contra a mulher**. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/estrutura_presidencia/sepm/nucleo/dados/pesquisa_p_abramo_violencia (acessado em 03/03/2016), 2001.
- GROSSI, P.K. (org), **Violências de Gênero – Coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2012.
- HABIGZANG, L. F., & Caminha, R. M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: Conceituação e intervenção clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2004.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.
- MINISTERIO DA SAÚDE. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: < <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>> Acesso em: 03 de nov de 2016.

____. **Resolução nº 466 de dezembro 2012**. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acesso em: 03 de nov de 2016.

NEGRÃO, T. Prefácio a segunda edição. Em: GROSSI, P.K. (org), **Violências de Gênero : Coisas que a gente não gostaria de saber**. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2012.

PFEIFFER, L., & SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**, 81(5), 197-204. 2005.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.

SILVA, M. V. **Violência contra a mulher: quem mete a colher?** São Paulo: Cortez 1992.

STREY, M. Violência de gênero: uma questão complexa e interminável. STREY, M. N.; AZAMBUJA, M. P. R.; JAEGER, F. P. (org). **Violência, gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004.

SILVA, A. N. N; VILHENA, J., **Abuso sexual infantil**. Pontifícia Universidade católica do Rio de Janeiro - Campos Rio de Janeiro, s/ ed., pp.3-38, Disponível em: <http://www.adriananunan.com/pdf/adriananunancom_abuso_sexual.pdf> Acesso em: 02 abr. 2016, 1998.

SILVA, D. F. M., HUTZ, C. S. Abuso infantil e comportamento delinquente na adolescência: prevenção e intervenção. Em: HUTZ, C. (Ed.) **Situações de risco vulnerabilidade na infância e na adolescência: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção** (pp. 151-186). São Paulo. Casa do Psicólogo, 2002.

SOUZA; M. L. R. **Coleção Clínica Psicanalítica. Casa do Psicólogo** – Livraria e Editora Ltda. 2005.

Recebido em 12/12/2016

Aprovado em 26/03/2018